

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

As médiuns de Allan Kardec

Extraídos da obra

Canuto Abreu - O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária

5

AS QUATRO MOCINHAS, apesar de risonhas e elegantes, não eram fúteis, O trato das coisas sérias, as palestras filosóficas e morais em que tomavam parte, os conselhos dos Guias, as comunicações edificantes, a convivência com pessoas cultas e, sobretudo o adiantamento moral e intelectual que possuíam de existências anteriores faziam-nas preferirem, mesmo quando em palestras sociais ou a sós, assuntos construtivos. Nenhuma estranhou, portanto, Ermance puxar a prosa, perguntando:

— Como Vocês compuseram O LIVRO a que acaba de referir-se o Professor RIVAIL?

Caroline tinha a língua mais pronta. Estava habituada a contar, em pormenores, os fatos passados em sua casa. Possuía, ainda, memória notável, gabada muita vez, e gosto pela explanação. Adiantou-se:

— Não fomos nós que compusemos O LIVRO, mas os Guias, o Professor RIVAIL e o ‘Roc’.

— Monsieur ROC está presente?

O riso amável e coletivo, em que se alteou, cristalino, o de Caroline, fez Ermance corar, acreditando ter cometido alguma gafe.

— Você vai rir-se também, disse Caroline, quando souber quem é o ‘Roc’. No começo de meu trabalho mediúnico, ou melhor, dos nossos trabalhos — pois, mamãe e Julie, também, são médiuns — usávamos a ‘Tupia’, nome de nossa Corbelha Escrevente (34), e o “Roc”, apelido do lápis de pedra com que os Espíritos rabiscavam, diretamente, as respostas numa ardósia comum (35) e o ‘Roc’, apelido do lápis de pedra com que os espíritos rabiscavam, diretamente, as respostas numa ardósia comum.

(34) Corbelha, do francês corbeille. É o mesmo que Cesta de Bico ou Tupia’. Cestinho de vime, em cujo bico amarravam um lápis de pedra para escrever na ardósia, sob a ação dos Espíritos.

(35) Ardósia, do francês ardoise, é o mesmo que Lousa ou Loisa, uma lâmina de pedra portátil onde se escrevia com lápis de pedra, o ‘roc’.

— Compreendo, diz Ermance, sorrindo.

— Amarrava-se o ‘Roc’ ao bico da ‘Tupia’ e Julie ou eu, com outras pessoas consultantes, encostava alguns dedos no bordo da Corbelha. O resto era obra dos Espíritos.

— E a ‘Tupia’ começou a escrever O LIVRO?

— Nova risada cortês das mocinhas, à qual Ermance aderiu gostosamente.

— Vou contar-lhe a história d’O LIVRO desde o princípio, diz Caroline. ZEPHYR, nosso Espírito Familiar, no início das manifestações, riscava na ‘Tupia’ as respostas às consultas dos consulentes. Na hora das sessões, nossa casa enchia-se de curiosos, apresentados por amigos de papai. O trabalho realizava-se num ambiente de alegria, sem qualquer formalismo e dando-se entrada aos retardatários. Para evitar a fadiga, eu revezava com Julie ou mamãe. Durante a escrita na ardósia, reinava relativo silêncio. Após a leitura da resposta, feita geralmente por papai, seguiam-se os comentários, em voz alta e social, nos mais diversos tons, segundo o espanto de uns e o contentamento de outros. ZEPHYR gostava de pilheriar e alfinetar os consulentes antes de lhes dar conselho. Recebia os novatos com uma frase amena, a fim de os deixar logo, à vontade.

E nunca perdia o ensejo de instruir a sociedade, ainda, quando, divertia

com certas respostas. Uma noite veio o Professor com Madame RIVAIL. Nosso Guia os recebeu amistosamente, saudando o professor com estas palavras: — “Salve, caro Pontífice, três vezes salve!”. Lida, em voz alta, a saudação, todos rimos. Para nós, ZEPHYR estava pilheriando. Papai, então, explicou ao Professor o costume do Espírito Familiar apelidar quase todos os visitantes. O senhor RIVAIL não se agastou e respondeu ao Guia, sorrindo — “Minha bênção apostólica, prezado filho”. Nova risada geral. ZEPHYR, porém, respondeu ter feito uma saudação respeitosa, a um verdadeiro pontífice, pois RIVAIL, havia sido, no tempo de Júlio CÉSAR, um chefe druídico. Isso fez minha família simpatizar prontamente com o Professor, visto como, também nós, segundo ZÉPHYR, havíamos vivido na Gália naquela mesma época e eu fui druidesa...

E riu-se com vivacidade.

— Curioso! — diz Ermance. Também eu, segundo São LUIS e JEANNE D’ARC. Agora compreendo por que JEANNE certa vez me disse: — “Muitos antigos Gauleses estão, no Espaço e na Terra, promovendo a reforma religiosa da França”.

— Bem interessante! replicou Caroline. E Você disse tal coisa ao Professor?

— Não. Só o conheci há alguns instantes e ignorava houvesse ele sido Gaulês. Mas, continue, agora estou mais curiosa por saber como foi escrito O LIVRO.

— O Professor entrou, daí por diante, a freqüentar-nos com assiduidade. Vinha às quartas e sábados. Durante as sessões, conversava pouco, observava tudo, tomava nota das respostas dadas pelos Espíritos a quem quer que fosse, quando continham, a seu ver, um ensinamento de utilidade geral. Ele, pessoalmente, não gostava de fazer perguntas. Limitava a saudar o Guia e a ouvir a leitura de suas respostas. Certa vez, porém, quebrando o hábito, indagou se lhe era possível evocar o Espírito de SÓCRATES. Todos esperávamos um dito chistoso de ZÉPHYR que zombava, delicadamente, dos evocadores de Espíritos célebres, como se estes não tivessem ocupações na Vida Espiritual.

— Ou passado para outra existência com diverso nome, intervém Ruth. Mas ZÉPHYR, continuou Caroline, para espanto nosso respondeu: —

“Sim. SÓCRATES já tem assistido a alguns de nossos colóquios, pois Você o consulta amiúde mentalmente”. Essa resposta arrancou o Professor da costumada reserva. Declarou-nos ter, de fato, pensado muita vez no filósofo grego, esperançado de obter dele a verdadeira ‘Filosofia dos Espíritos’ de elite. E perguntou a ZÉPHYR se tal aspiração podia ser alimentada de esperança. Eu estava com a mão na ‘Tupia’ e por força do hábito distinguia os fluídos de nosso Guia. Percebi, então, que outra entidade, de fluídos bondosos, empolgara a Corbelha e o ‘Roc’ escreveu: — “A verdadeira ‘Filosofia dos Espíritos’ adiantados só poderá ser revelada ao que for digno de receber A VERDADE. Fica ZÉPHYR incumbido de dizer-me oportunamente qual dentre Vocês é o mais apto”. Já, então, ao ver de todos nós, o mais competente era o Professor RIVAIL. Entretanto, as coisas continuaram na mesma rotina semanas a fio até que um dia, mostrando-se um tanto constrangido, o Professor disse a ZÉPHYR — “Nas minhas meditações venho fazendo exames de consciência e necessito, para meu governo, saber se Você, que me conhece de longo tempo, me julga digno da inspiração de SÓCRATES”. A resposta foi:

— “Só depende de Você”. O Professor insistiu: — “Que devo fazer?”. Resposta: — “O Bem e dispor-se a suportar, corajosamente, qualquer provação para defender A VERDADE, ainda que precise... beber cicuta”. Demonstrando excitação, raríssima nele, voltou a indagar: — “Você é franco e leal com todos. Diga-me duma vez, sem receio de melindrar-me:

Acha que, com minha inteligência ‘atual’, estou apto para desvendar e compreender os mistérios do Além, caso SÓCRATES me queira assistir?”. Resposta: — “Aptidão intelectual Você tem. Consulte a si mesmo se terá a persistência necessária para levar tal propósito até o fim”. Replicou o Professor: — “E se eu a tiver?”. Resposta: — “Será assistido. O empreendimento fica dependendo de Você”.

— Estava escolhido, concluiu Ruth.

— Certo dia, continuou Caroline, antes de começar a sessão, falando-nos da conveniência de aproveitarmos melhor os ensinamentos dos Espíritos, o Professor propôs a papai um rumo diferente aos trabalhos: A sessão seria aberta a hora certa, iniciada com prece e teria recolhimento respeitoso para merecer a presença de Espíritos adiantados.

— Que entendia ele por Espíritos ‘adiantados’? — Perguntou Ermance. Anjos? Querubins? Ou filósofos?

— Você sabe que ‘Arcanjos’, ‘Serafins’... são nomes simbólicos. Considerava ‘adiantados’ os Espíritos que atingiram alto grau de perfeição moral.

— Obrigada Queira continuar.

— ZÉPHYR aprovou o novo método. O Professor sugeriu ainda que, antes das consultas particulares ou íntimas, fossem propostas aos Espíritos questões de ordem filosófica, religiosa e de utilidade geral. Ele se incumbiria de formular as perguntas claramente. Os Espíritos poderiam responder, se quisessem, noutra sessão. ZÉPHYR replicou que, se as perguntas viessem pré-formuladas por escrito, as respostas poderiam ser dadas ato contínuo. Estávamos no fim do ano, em véspera de Natal. Marcou-se, por isso, o dia 1 de janeiro de 1856 para o início do novo método. O Professor prometeu pré-formular as questões. E ZÉPHYR, querendo dar um exemplo da prece que devíamos fazer na abertura da sessão, escreveu uma, evocando JESUS para diretor espiritual dos trabalhos na fase nova.

— Estou colecionando preces ‘spiritualistes’, disse Ermance. Pretendo publicar um livreto. Pode dar-me uma cópia dessa?

— Tenho-a em casa às suas ordens, com muitas outras. Você escolherá as melhores. No dia 1 de janeiro a sessão foi aberta, às oito horas da noite em ponto, de portas fechadas, com uma prece feita pelo Professor, de pé, solenemente, como se fosse um padre, e de improviso. Mas as palavras não eram de nenhuma reza eclesiástica nossa conhecida nem aquela ditada por ZÉPHYR. Este saudou a todos amistosamente e anunciou-nos o comparecimento de vários Espíritos superiores, citando-lhes os nomes com deferência, isto é, um abaixo de outro, destacadamente.

— Lembra-se de alguns?

— Santo AGOSTINHO, S. JOÃO EVANGELISTA, São VICENTE DE PAULO...

— Diversos Santos enfim, interrompeu Ermance.

— Também SÓCRATES, FÉNELON, SWEDENBORG, HAHNEMANN...

— E O LIVRO principiou a ser escrito, insinuou Ermance.

— Não sabíamos a essa altura coisa nenhuma a respeito. Sendo o Senhor RIVAIL Mestre-escola e falando-nos várias vezes dum curso, supusemos desejasse transformar as sessões em aulas para um aprendizado metódico. Muitos consulentes, que só vinham aos Espíritos para lhes perguntar tolices sobre casos domésticos, desconfiando da nova orientação, não volta ram mais. Ficaram, porém, alguns mais dispostos a aprender, satisfeitos com o sistema novo. E assim, duas vezes por semana, às quartas e sábados, mantivemos sessões importantes de perguntas e respostas sobre temas elevados, propostos pelo Professor e resolvidos por Espíritos superiores.

— Muito curioso o sistema, concordou Ermance. E assim...

—Espere, querida. Uns três meses depois de inaugurado esse curso, quando já era grande a cópia de ensinamentos, o Guia espiritual do Professor manifestou-se, pela primeira vez entre nós, dizendo que, na véspera, à noite, havia dado ao Professor, aqui nesta casa, sinais percucientes na parede com o intuito de o impedir de escrever certo erro na obra em elaboração.

— O Professor escrevia a obra durante as sessões?

— Não, Ermance. Escrevia aqui, em casa dele, com todo o sigilo. Só então é que soubemos não se limitar o Professor RIVAIL, como nos parecia, a colecionar ensinamentos para uso privativo, mas escrevia uma obra a respeito do ‘Spiritualisme’ e sob a vigilância invisível de seu Guia.

— De SÓCRATES, completou Ermance.

— Não. Do Espírito VERDADE.

—Espírito VERDADE? Curioso! — exclama Ermance. São LUIS disse-me ter por Chefe o Espírito VERDADE. Será o mesmo?

— Talvez. Espírito VERDADE deve ser um só.

— Mas, Caroline, Você não me falou há pouco ser SÓCRATES o Guia do Senhor RIVAIL?

— Não. Disse-lhe que o Professor o ‘evocava’ mentalmente e ‘desejava’ a assistência dele para ‘desvendar’ a verdadeira ‘Filosofia dos Espíritos’. Não falei porém que o filósofo grego era seu Guia. O Gênio Protetor do Professor RIVAIL. chama-se Espírito VERDADE.

— Mas Você, Caroline, não percebe o simbolismo da expressão ‘Espírito VERDADE’? Para mim São LUIS se refere a uma Entidade

oculta sob o véu dum símbolo. Símbolo aliás, que cabe perfeitamente a SÓCRATES.

— Quando ainda novato em nossas sessões — replicou Caroline. O Professor um dia quis saber se, como nós outros também ele tinha um Gênio Protetor. ZÉPHYR, respondendo afirmativamente, acrescentou, em resposta a outra indagação do Senhor RIVAIL: — “Seu Gênio foi na Terra um homem justo e sábio”.

— Pois então! — exclama Ermance. SÓCRATES foi um homem justo e sábio.

— De acordo. Mas...

E ‘amigo da Verdade’, insistiu Ermance, com ares triunfantes.

— Mas JESUS? — contrapõe Caroline. Não foi o mais justo e sábio dos homens? Não foi a própria Verdade?

Sim, mas JESUS era Deus, sustentou Ermance. E, como homem, foi o ‘mais’ sábio, o ‘mais’ justo Você mesmo acabou de dizê-lo — e não ‘um justo e sábio’ como alguns outros homens.

— DEUS é a ‘Causa Primeira’, a ‘Inteligência Suprema’, replicou professoralmente Caroline. Os Espíritos superiores ensinam ser JESUS um Espírito bem superior, não porém a ‘Causa Primeira’.

Sem discutir esse ponto, que é de Fé, pergunto-lhe: Se o Guia do professor foi ‘um homem justo e sábio’, que homem o Professor supõe haja sido o Espírito VERDADE? — questionou Ermance.

— Se ele o sabe, nunca o disse a nós. Creio, porém, que o não sabe. Quando pela primeira vez falou com o Guia em nossa casa, o Professor perguntou ao Espírito se havia animado alguma personagem conhecida na Terra. E o Gênio respondeu-lhe:

“Já lhe disse que, para Você, sou A VERDADE. Este ‘para Você’ implica ‘discrição’. De mim não saberá mais nada a respeito”.

— Para nós, intervém Julie, o Espírito VERDADE não é SÓCRATES, pois este, quando se manifesta, declina o nome ou é anunciado por ZÉPHYR.

Para mim, opinou Ruth, é JESUS.

— Pode ser, apoiou Ermance. Só assim poderia ser Chefe espiritual de São LUIS.

— Respeitemos o sigilo imposto pelo próprio Espírito, ponderou

Caroline. Ir além seria imprudente. Essa questão de identidade foi objeto de exame em nossas reuniões, e ZÉPHYR limitou-se a pedir-nos decorássemos a afirmativa de SÓCRATES que já lhe citei e vou repetir: — “A verdadeira ‘Filosofia dos Espíritos’ só poderá ser revelada ao que for digno de receber A VERDADE”.

— E Você, Ermance? — perguntou Caroline para mudar o rumo da conversa. Mediuniza em algum Grupo?

— Sim, para nosso Grupo familiar, em Fontainebleau. Nosso sistema é, porém, outro. Abrimos a sessão, como Vocês, a uma hora certa, cinco horas da tarde, um dia sim outro não. Nossos familiares e algumas pessoas amigas ou convidadas ficam em torno da mesa da biblioteca onde nos fechamos. Não fazemos, preces em voz alta. Eu oro no coração, pensando em São LUIS, em JEANNE D’ARC e noutros Espíritos de nossa convivência. Quando sinto a presença do Espírito São LUIS, que dirige a sessão, pego da pena e, sem nenhuma interferência física ou mental minha, o Guia escreve rápida e continuamente o comunicado do dia e passa a caneta ao Espírito que está ditando autobiografia ou compondo uma narrativa qualquer.

— Também eu, diz Caroline, trabalho automaticamente sem colaborar no assunto que escrevo nem intervir no movimento do lápis. Há cerca dum ano, Julie e eu, passamos, a conselho do Professor, a usar mais a mão que a Tupia.

— Se me acontece cansar um pouco ou romper a pena, que é de pato, o Espírito suspende o ditado, por alguns minutos e, então, os assistentes palestram com naturalidade sobre temas espirituais. Uma vez reanimada ou substituída a pluma, prossigo sob silêncio geral. Findo o capítulo, o Espírito escrevente faz a revisão.

— Conosco a revisão se dá mais tarde e por outro médium, aparteia Julie.

— Comigo, imediatamente, após a conclusão dum capítulo ou do ditado. E pelo próprio comunicante, sem que, para isso, eu precise ler o manuscrito. O Espírito diz-me à surdina: — “Página tal, linha tal, uma obscuridade. Acrescente aí, depois da palavra ‘x’, o seguinte, etc.” Ou então: — “No período tal, de folhas tantas, substitua ‘x’ por ‘z’.” Não raro, ele mesmo, sem me dar qualquer aviso, vira páginas atrás e executa

correção à minha revelia. Meu trabalho é absoluta mente mecânico.

— Também o meu, diz Ruth. Tenho até dificuldade em seguir o enredo quando escrevo.

— Não uso nunca a minha cabeça, continua Ermance, embora possa, querendo, acompanhar o enredo à medida que escrevo. Prefiro, porém, conhecer o assunto depois de ultimado o capítulo ou finda a narrativa, e o faço lendo o ditado em voz alta para ciência de todos.

— Habituei-me a deixar os outros lerem o que mediunizo, e, quase sempre, é papai quem faz a leitura, falou Caroline.

Vocês já leram meu livro ‘Jeanne d’Arc’?

Ainda não, disse Caroline.

Nem eu, acrescentou Ruth.

— É um romance? - perguntou Julie.

É a autobiografia da heroína. Escrevi-a em quinze sessões seguidas quando eu tinha 14 anos. Faço empenho de ter a opinião de Vocês. Vou enviar um exemplar autografado a cada uma como lembrança deste nosso encontro.

— Obrigada, respondeu Caroline. Quero conhecer a verdadeira história de JEANNE D’ARC.

— Também eu, diz Julie. Tenho imensa simpatia pela Virgem de Domremy.

—Muito grata, desde já, pela sua fineza, responde Ruth.

— Mas, Continua Ermance, já palestramos um bocado e Vocês ainda não tiveram ensejo de dizer-me ‘de que maneira’ o Senhor RIVAIL escreveu O LIVRO hoje publicado.

— Explique lhe Você, diz Ruth a Caroline.

— Não levem a mal minha Curiosidade, justifica-se Ermance Como médium ‘escrevente’, com algumas obras a publicar, tenho íntimo interesse em conhecer a técnica dum grande literato como o Professor.

— Vou explicar-lhe responde Caroline.

— Antes de tudo: Também ele é médium ‘escrevente’? pergunta Ermance.

— Não, replicaram, ao mesmo tempo, as três.

— ZÉPHYR informou-nos continuou Caroline, ser o Professor apenas médium ‘inspirado’. E explicou-nos uma vez, em resposta à consulta

duma dama de nosso Grupo, o modo pelo qual se opera a ‘inspiração’ no Senhor RIVAIL. Decorei até suas palavras.

— Como, por favor?

— Reproduzo-lhe as palavras de ZÉPHYR “Recebe mentalmente a idéia enviada por um de nós num raio de luz: digere-a na consciência, filtra-a pela razão e emite o resultado como pensamento pessoal, vestido à sua moda literária”.

— Ele sabe disso, interroga Ermance.

— Sim, conhece as palavras de ZÉPHYR, afirma Caro une. Mas tem, não raro, dúvida se algumas idéias lhe chegam por ‘inspiração’ ou resultam de velhos conhecimentos ‘próprios’, adquiridos nesta ou em existência anterior e atualizados pela meditação. Por isso, querendo distinguir o que é realmente dele, submete as duvidosas ao exame dos Espíritos, recorrendo ao meio mecânico.

— Não sei bem o que Você chama de ‘meio mecânico’, indaga Ermance.

— Ele pergunta aos Espíritos por meu intermédio ou de Julie ou de Ruth ou de outros médiuns, que trabalhamos manualmente. Se o informe é dado por mim, manualmente, vai à casa de Ruth e busca nova informação pela Tupia. Se, oralmente, pela Ruth, roga-me empregar a Corbelha. Procura, enfim, afastar o mais possível a interferência do mental mediúnico. (36)

(36) A respeito da interferência do mental mediúnico O Livro dos Médiuns, em seu capítulo XIX, sob o título Do Papel dos Médiuns nas Comunicações Espíritas, trata da questão.

— Não sei se minha curiosidade já está passando a linha da indiscrição, diz Ermance. Advirtam-me, por favor, de qualquer excesso. Estou apenas tentando esclarecer-me.

— Externe-se à vontade. Você jamais será indiscreta, responde Caroline.

— Para não divagarmos em pormenores, vou diretamente ao ponto que mais me espicaça a curiosidade. A Senhora DE PLAINEMAISSON disse-nos que o Professor RIVAIL havia lançado, hoje, um tratado de ‘Spiritualisme’, disciplinando a questão dos Espíritos e, para comemorar o lançamento, reunia aqui os que colaboraram com ele, entre os quais ela.

— Assim é de fato, sustenta Caroline.

— No entanto, apresentando-me a Vocês, o Professor disse-me há pouco dever-lhes a composição d'O LIVRO.

— Exato.

— Vocês, porém, me contam que ele propunha aos Espíritos questões e colecionava as respostas. Estou meio confusa. Pergunto..lhes. O tratado publicado é do Professor, de Vocês ou tão somente dos Espíritos?

— Você ainda não viu O LIVRO?

— Ainda não.

— Vou buscá-lo.

—Desembaraçada, como se em sua própria casa, Caroline dirigiu-se ao escritório.

*

NA AUSÊNCIA DE CAROLINE Ermance diz às companheiras:

—Não sei que juízo Caroline e Vocês estarão fazendo de minha quase bisbilhotice. Mas, creia-me: Não estou agindo de moto próprio. Sinto, perto de nós, toda uma multidão invisível, atenta ao que dizemos e desejosa de pormenores. Como médium, interpreto esse anelo dos Espíritos Ouvintes.

— Você está dando a nós, mais do que imagina, um momento de elevado prazer, responde Ruth. Também eu, estou sentindo a 'presença' de Invisíveis interessados em nossa palestra. E 'vi' ao lado de Ermance o 'sinal luminoso' que a assiste quando 'interpreta' o pensamento do Guia.

— Estamos, talvez, em plena sessão, acrescenta Julie circunspectamente Suas perguntas não nos importunam, mostram a nossa responsabilidade, como médiuns.

— Mas estou fatigando Caroline, objeta Ermance.

— Ao contrário, replica Julie. Caroline está em seu elemento predileto quando fala desse trabalho do Professor RIVAIL, em que ela tomou parte muito ativa, com Ruth.

Nem o noivo ciumento conseguiu modificar-lhe o entusiasmo pela tarefa que os Espíritos a ela confiaram. Por amor a O LIVRO sacrificou tudo: Estudos, divertimentos, afazeres domésticos, o próprio noivado.

— Também eu vivo empolgada, diz Ermance. Quando chega a hora de mediunizar sou dominada por alegria indizível. Por mim, escreveria dia e noite sob o influxo dos Espíritos bons. Mas São LUIS me interditou de trabalhar sozinha, fora das horas marcadas.

— Não me atrevo, também, a escrever a sós, diz Ruth, embora não esteja interdita pelo Guia. Tive uma lição inesquecível certa vez em que, desejando mandar uma carta ‘bonita’ a uma amiguinha aniversariante, apelei para um Espírito cujas poesias eram afamadas.

— Não foi atendida? — perguntou Ermance com sincera ingenuidade.

— Sim, fui. Recebi duas quadras mas só ao fim do último verso percebi quão indignas duma ‘spiritualiste’. Ainda agora, me enrubesço ao recordar-me do incidente. JAVARY, um dos Guias de nossas sessões, de caráter político, ouvido por mim mais tarde sobre o infeliz estado do poeta, advertiu-me do perigo para um médium de ficar obsedado por um Espírito atrasado quando a ele se liga mentalmente pelas mesmas idéias ou sentimentalmente pelas mesmas emoções.

— Explico-lhe, intervém Julie falando a Ermance. Ruth é de temperamento romântico e vibra com o Romantismo. Tornar-se-ia presa fácil dessa corrente literária como médium, desviando-se do rumo traçado pelo Espírito VERDADE.

— Compreendi, perfeitamente, responde Ermance. Nome estranho, esse, ‘Javary’! Pseudônimo como ZÉPHYR?

— Sim. E o pseudônimo dum Espírito que, na última encarnação, foi íncola americano. Veio à França, especialmente, segundo nos disse, para ligar o ‘Magnetismo’ francês ao ‘Spiritualisme’ americano, a pedido de Benjamim FRANKLIN. Ele nos informou ter inspirado NAPOLEÃO em 1803 a ceder nossa ‘Louisiane’ aos Estados Unidos. E que, antes de nascer em ‘Nouvelle-Orléans’, mestiço de Francês e Índia Vermelha, foi... um de nossos afamados guerreiros. Tomou esse nome, acrescentou-nos ele, para humilhar-se e penitenciar-se de seus erros políticos, pois ‘Javary’ é nome dum porco selvagem, nas margens do Mississipi (37).

37) É possível que um homem da raça civilizada reencarne, por expiação, numa raça de selvagens. Ver questão 273 de O Livro dos Espíritos. A Revue Spirite de abril de 1859 transcreve um trabalho a respeito, que, aliás, fundamenta a referida Q. 273.

*

CAROLINE VOLTOU risonha com O LIVRO e, sentando-se ao lado de Ermance, abriu-o sobre a mesa, dizendo à amiguinha:

— Aqui está O LIVRO. Não vou representar o papel de crítico, mas repetir-lhe a crítica feita algumas vezes pelo Professor durante os últimos retoques da obra. Veja, primeiramente, esta ‘Introdução’.

Ermance pegou do volume e, como escolar em exame, leu o título e as primeiras linhas até o fim da página. Ao virar a folha, foi interrompida pela mão delicada de Caroline posta sobre O LIVRO.

—Basta, querida. Pelo que Você acaba de ler já está apta a responder-me com pleno conhecimento da questão. Diga-me: A quem atribui esta ‘Introdução’, ao Senhor RIVAIL ou aos Espíritos?

— Com licença, diz Ermance, levantando delicadamente a mão da companheira de sobre a página voltada. Queira deixar-me examinar melhor.

Retornando à inspeção da obra, leu uma linha aqui, outra acolá, folheou O LIVRO, página por página, até o fim da ‘Introdução’, demorando-se um instante onde encontrava aspas. E, convicta de poder revidar com exata ciência do assunto, falou afinal:

— Para mim é um trabalho pessoal do Professor RIVAIL.

— No entretanto, replicou Caroline, este longo prefácio foi totalmente ‘inspirado’, idéia por idéia, e, em alguns pontos, onde prevalecia a opinião pessoal do Senhor RIVAIL, ‘corrigido’ pelos Espíritos, quando a leitura pré-final foi feita em sessão especialmente realizada para o exame dessa parte ‘introdutória’.

— Estou compreendendo, diz Ermance.

—Olhe agora, por favor, estes ‘Prolegômenos’, escritos antes da ‘Introdução’ — falou Caroline, apontando, com o dedinho, uma página encimada pelo clichê duma cepa de videira.

Enquanto Ermance inspecionava a primeira página, Caroline a foi advertindo:

— Como vê, tem mais palavras dos Espíritos, entre aspas, que do Autor. Mas, a própria parte do Autor, que está sem aspas, foi-lhe

‘inspirada’.

E virando a folha:

— Leia esta ‘Nota’.

Ermance leu, em voz alta, onde o indicador de Caroline pousara:

Os princípios contidos neste livro resultam, ou de ‘respostas’ feitas pelos Espíritos às ‘questões’ diretas a eles propostas pelo autor, ou de ‘instruções’ dadas por eles, independentemente de pergunta quando versarem o assunto em comunicações ‘espontâneas’.

O conjunto foi ‘coordenado’ pelo autor de maneira a poder a obra apresentar um todo metódico e uniforme. Mas só depois de revisto, vezes sucessivas, e corrigido pelos Guias, que o inspiraram no fundo e na forma, é que O LIVRO DOS ESPÍRITOS foi entregue à publicidade.

— Compreende melhor? — indaga Caroline.

— Creio que sim.

— Repare agora, por favor, no contexto, acrescenta Caroline, virando duas páginas. Na primeira coluna, as ‘perguntas’ e as ‘respostas’; na segunda página os ‘comentários’ do Professor RIVAIL

—Estou vendo: Dum lado, a obra dos Espíritos; de outro, a do Professor.

— Você ficou, porém, sabendo pela ‘Nota’ que tanto as questões da primeira quanto os comentários da segunda coluna resultaram dos ensinamentos dos Espíritos e não das elucubrações do Senhor RIVAIL. Quero dizer, provieram de ensinamentos ‘diretos’ quando transcritos, entre aspas, na primeira coluna, e de ‘instruções’ dadas em outras oportunidades sobre o mesmo tema, quando postos, na segunda coluna, sem aspas, em redação própria do Autor.

— Isso está límpido.

— Ficou igualmente sabedora, de que a obra toda, no fundo e na forma, foi ‘revista’ e ‘corrigida’ pelos próprios Espíritos que a inspiraram.

—Sim.

— A revista e a corrigenda, aduziu Julie, foram, em grande parte, realizadas através da mediunidade de Ruth, em casa do Senhor JAPHET.

— Quase de ponta a ponta, acrescenta Ruth, e em sessões especiais.

— Exato, afirmou Caroline.

E, virando as páginas até o título ‘Leis Morais’, continuou:

— Agora, daqui por diante, Você encontra, quer na primeira quer na segunda coluna, ‘perguntas’ e ‘respostas’, com os comentários do Autor embaixo de cada questão.

Ermance deitou a vista curiosa sobre a página indicada e contendo no topo o título: ‘Segundo Livro’.

— Percebeu a diferença? — perguntou-lhe Caroline.

— Percebi. Contudo não compreendi a razão.

— Encontra-la-á nesta ‘Nota’ do rodapé.

E apontou-a. Ermance leu-a:

“A partir daqui é imposta certa modificação ao dispositivo material desta obra: Doravante as duas colunas fazem seqüência uma a outra, deixando de existir o que as distinguia na primeira parte. Como, precedentemente, as perguntas’, sem aspas, são de imediato seguidas pelas ‘respostas’, entre aspas. O que vem, após destas, não é, propriamente falando, um ‘comentário’ do autor, mas um ‘desdobramento’ da resposta antecedente, emanado dos próprios Espíritos, redigido em forma sucinta, com o propósito de evitar-se o repisamento de frases ou palavras contidas na anterior resposta. “Embora não ‘textual’, esse desdobramento contém a essência das lições dos Espíritos e foi ‘revisto’, algumas vezes ‘corrigido’ e, em redação final, aprovado por eles.”

São, portanto, apesar da aparência, pensamentos ‘dos Espíritos’ e não ‘do autor’, emitidos em épocas diversas durante nossas reuniões e aproveitados como aditamento.”

— Isto quer dizer, continuou Caroline, que o conteúdo d’O LIVRO é, integralmente, ‘dos Espíritos’ — como o Professor RIVAIL sustenta, lealmente — pois os Espíritos o ‘homologaram’, no fundo e na forma.

— Que quer dizer ‘homologar’? — perguntou Ermance. Caroline hesitou um instante, mas disse:

— A palavra ‘saiu-me’ naturalmente. Nunca a usei antes.

— Acabam de dizer-me o que é, acode Ermance. Significa ‘aprovar’.

— Melhor seria dizer, ponderou Ruth, que a obra é a ‘resultante’ de mútuo entendimento ‘intelectual’ entre os Espíritos e o Professor RIVAIL, com ‘recíproca’ aprovação ou “homologação”

—Talvez seja melhor, replica sorrindo, Caroline. Cinjo me, porém,

como Você o sabe, estritamente, às afirmações do Senhor RIVAIL e dos Espíritos.

— O fato, diz Ermance, é que não se trata dum livro ‘igual’ aos meus, isto é, ditado inteiramente pelos Espíritos.

— ‘Ditado’, como na escola entendemos o termo, O LIVRO não foi. ‘Copiado’ em parte e ‘inspirado’ no resto sim — sustenta Caroline.

— Outra diferença ainda, fala Ermance: Nos meus trabalhos há um só autor para cada obra; n’O LIVRO, vários.

— Divirjo em parte, diz Ruth. A ‘autoria’ d’O LIVRO é do Senhor RIVAIL. A colaboração dos Espíritos não lhe tira a qualidade de ‘autor’. Tanto mais quanto o Professor, na realidade, só introduziu na obra os ensinamentos que julgou ‘bons’ e, a seu turno ‘aprovou’. Por isso falei em ‘resultante de mútuo entendimento’.

— Neste ponto, Ruth está com toda a razão, concorda Caroline. De fato, o Senhor RIVAIL recusou muitas lições.

— ‘Recusou’ muitas lições?! — repetiu Ermance, admirada.

— Sim, afirmou Caroline. Ele discutia com os Espíritos como se fossem homens.

— Não raro como se fossem ‘discípulos’, acrescentou Ruth.

— E de espantar! — exclama Ermance.

— Argumentava com eles, continua Caroline, analisava-lhes os ensinamentos, portava-se, na verdade, não como ‘aprendiz’ mas como ‘examinador’ severo. Nada aceitava que não estivesse conforme a Razão.

— E a razão dele era muita vez mais ‘esclarecida’ do que a dos Espíritos, opinou Julie.

— Repelia tudo que lhe parecesse ‘artigo de Fé’, prosseguiu Caroline. Punha de lado qualquer ensino de caráter ‘científico’.

— ‘Científico’?! — interroga Ermance surpresa.

— Sim, afirmou Caroline. Para ele, a missão atual dos Espíritos não é revelar assuntos científicos mas, exclusivamente ‘morais’. Os Espíritos que insistiam nesses temas, eram ‘barra dos’ como ‘atrasados’.

— E ousava dizer-lhes isso? — pergunta Ermance, cada vez mais atônita.

— Falava com humildade, polidamente, sem arrogância, discutindo, tentando convencer ou ficar convencido. Quando, após uma discussão

magistral, julgava ‘lógica’ a contenda dos Espíritos, dizia-lhes, rendendo as armas: — “É racional. Aceito”. Quando a resposta lhe parecia obscura e a tréplica a sustentava sem maior esclarecimento, falava: — “Vou meditar sobre este ponto. Voltaremos a ele noutra oportunidade”. Ou, quando lhe parecia ‘inaceitável’, seja em virtude de ‘contradição’, seja por demasiado ‘opinativa’, aconselhava: — “Vamos ponderar algum tempo a respeito. Ouvirei outros Espíritos. Debateremos a dificuldade”. Se, porém, o ensino, por este ou aquele motivo de ordem moral, não lhe parecia ‘plausível’, afirmava sem ofender:

— “Esta lição parece-me ‘inviável’.” E desta forma ‘aceitava’ ou ‘recusava’ ou ‘removia’ os ensinamentos.

— Mas o que Vocês me estão dizendo é impressionante!

— Nas sugestões mais sérias, continuou Caroline, quando surgia um ‘impasse’ evocava-se o Espírito VERDADE. E este, muita vez deu razão ao Senhor RIVAIL.

— Isso prova que o Professor é médium ‘inspirado’, diz Julie.

— Tudo isso me atordoa, juro-lhes! — afirmou Ermance. E faz lembrar-me, que, segundo JEANNE D’ARC e São LUIS, os Gauleses de outrora não estão só no Espaço mas também na Terra, encarnados, a promover a reforma religiosa da França.

— Do Mundo, intervém Ruth.

— A França iluminará o Mundo, sentenciou Julie.

Mirando as companheiras, que lhe replicavam com unânime entusiasmo, Ermance perguntou-lhes:

— Vocês todas foram Gaulesas?

— Menos eu, respondeu Ruth.

— Menos Ruth, confirmou Julie. Ela foi Hebréia no Egito, Judia em Canaã, Síria na Palestina, Moura em Portugal... Mas agora, é Francesa e cristã.

— Note esta curiosidade, acrescentou Caroline: No Grupo onde Ruth é médium quase todos os membros principais são antigos Semitas, de longo tempo convertidos ao Cristianismo; em nosso Grupo as principais figuras foram Gaulesas e passaram muito cedo do Druidismo para a Religião Cristã.

— Realmente, curioso! — concordou Ermance.

E, voltando-se para Ruth:

— Você possui, de fato, uns traços marcantes de Oriental.

— Muita gente me julga Síria ou Árabe por meus traços e nome. Minha família descende, remotamente, de Mouros portugueses convertidos, há séculos, ao Cristianismo.

— Traços orientais que a tornam linda! — interveio Julie, abraçando e mirando, carinhosamente, Ruth.

— Formosa, acrescentou, lisonjeira, Ermance. Com esses olhos grandes e negros, essa espessa cabeleira ebúrnea e essa tez amorenada e pálida, Ruth lembra-me uma princesa das ‘Mil e uma Noites’...

— Quanta perversidade! Você está realçando, justamente, meus traços mais feios, que me afastam do comum das Francesas.

— Você sabe que é bela e impressionante, ajuntou Caroline. E tem, ainda, um belo talento e um generoso coração.

E, para Ermance:

— Ruth, como já lhe disse, foi também médium do senhor RIVAIL. Ela se incumbiu, em parte, de medianizar a revisão d’O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

— E médium há muito tempo? — indagou Ermance.

— Desde pequenina, mas só por volta dos doze anos comecei a distinguir a realidade deste mundo e a do outro. Eu as confundia na infância.

— Eu queria saber se vem trabalhando há muito tempo como médium.

— Sim, há seis anos.

— Há tanto tempo? Desde antes do ‘Spiritualisme’ vir à França?

— Sim. Vou dizer-lhe como. Tendo caído um dia em sonambulismo, o Senhor ROUSTAN foi chamado como Magnetizador para me curar. Então, instrui-me a respeito das forças ocultas, deixando-me com a certeza de que as minhas visões eram realidade. E ficou amigo de nossa família, procurando-me de vez em quando para me exercitar em clarividência. E assim, caminhei até os quatorze anos. Com essa idade, passei a médium. Isso já faz seis anos.

— Portanto, antes de surgir entre nós o ‘Spiritualisme’. Como aconteceu isto? — insistiu Ermance.

— Foi assim: Um dia, o Senhor ROUSTAN convidou meu pai e a mim

para um ‘novo’ sistema, então chamado ‘Magnetismo Americano’. Disseram ser necessário para o ensaio, um grupo de doze pessoas: Seis ‘positivas’ e seis ‘negativas’. Segundo o Senhor ROUSTAN meu pai era ‘positivo’ e eu ‘negativa’. A primeira reunião deu-se num palácio maravilhoso, em Vincennes, onde morava o Conde D’OURCHE. Lá encontramos algumas pessoas de cerimônia, muito gentis. Eu era a única ‘criança’ entre tanta gente adulta.

— Em que constituiu a experiência?

— Em produzirem-se ruídos estranhos nos móveis e nas paredes, e percussões fortes na mesa que rodeávamos e cobríamos com uma cadeia de mãos.

— Como!? Já àquele tempo se trabalhava com a ‘Mesa’?

— Já àquele tempo. Segundo eu soube, éramos os primeiros na França.

— Pioneiros! — afirma Julie.

— Quando aqui os jornais anunciaram, em 1853, a ‘Mesa Rotante’, como grande novidade, nós já conhecíamos o ‘Spiritualisme’ americano, havia dois anos.

— Conte-me tudo, Ruth. Isso é maravilhoso! Num castelo em Vincennes! No meio de nobres, pois não? Quais os componentes do Grupo?

— O Conde e a Condessa D’OURCHE donos da casa; o Barão DE GULDENSTUBBÉ (38) e sua irmã, Sônia; o Senhor DE LAGIA e Senhora; O Senhor Barão TIEDEMAN (39); o Senhor ROUSTAN e a Senhora; Madame D’AIBNOUR, meu pai e eu.

(38) *DE GULDENSTUBBÉ (Baron Louis) publicou, entre outras obras, Pneumatologie Positive et Expérimentale: La réalité des esprits et le phénomène merveilleux de leur écriture directe démonstrées (Paris, 7 Franck, 1857), obra que, mais que um tratado de Espiritismo, é uma completa e ricamente documentada história desses fenômenos. Ela integrou a coleção de obras espíritas que, no dia 9 de outubro de 1861, foi objeto do Auto-de-Fé em Barcelona, Espanha.*

(39) *Para editar a Revue Spirite Kardec, que dispunha de pouco dinheiro, apelou ao Barão TIEDEMAN, amigo seu e dos espíritas, mas este mostrou-se reticente (André Moreil, Vida e Obra de Allan Kardec, Edicel, S. Paulo, pág. 70).*

— E você foi a médium?

— Não. A Senhora D’ABNOUR, que havia estado na América, foi a principal agente. O êxito da primeira reunião animou a segunda, no dia

seguinte. Ao cabo de quatro sessões obtivemos estalos, dentro da madeira da ‘Mesa’, que respondia ‘sim’ ou ‘não’, convencionadamente, às nossas perguntas, manifestando inteligência e poder divinatório.

E disseram, logo, que eram Espíritos?

— Sim, pedindo-nos toda reserva a respeito, a fim de não se confundir o ‘Magnetismo Americano’ com o ‘Magnetismo Espiritualista’, que, também, tratava com os Espíritos.

— As sessões se faziam sempre com doze pessoas?

— A princípio. Mas, perguntado a respeito do número mínimo necessário à produção do fenômeno, o Espírito informou ser a cifra indiferente, convindo, no mínimo três, caso em que duas deviam ser ‘positivas’ e uma ‘negativa’. Então, o Senhor ROUSTAN resolveu tentar, em minha casa, uma experiência com cinco ou seis pessoas íntimas. E o resultado foi ótimo. O Barão DE GULDENSTUBBÉ chegou a dizer que o êxito fora maior. Viu-se aí, que eu era capaz de mediunizar tão bem quanto Madame D’ABNOUR. Entusiasmado com o sucesso, o Senhor ROUSTAN fez uma comunicação à ‘Sociedade Magnetológica’ e outra à ‘Sociedade Mesmeriana’, oferecendo-se para uma demonstração, a portas fechada. Mas, nem uma, nem outra, o levaram a sério. No meio magnético, em geral, tinham-no em conta de ‘místico’, tal como a CAHAGNET (40), do qual ele era seu amigo íntimo.

(40) CAHAGNET (Louis Alphonse)n. em Caen (1805) em. em Argenteuil (1885). Foi um adepto ardente do Espiritualismo, do magnetismo e da religião de Swedenborg. As suas obras filosóficas e doutrinárias são numerosas. *Arcanes de la vie future dévoilés*, editada em 1848-1854, em 3 volumes, hoje, rara, é encontrada no Museu do Livro Espírita do Lar da Família Universal.

— Meu pai adquiriu os livros do Senhor CAHAGNET, informou Ermance.

— O ‘Journal du Magnétisme’, continuou Ruth, embora sabendo do que se passava na América, recusou-se a publicar a notícia de nossas primeiras experiências, feitas numa época em que, ninguém ainda conhecia na França o ‘Spiritualisme’ americano, senão, talvez, de nome.

— Papai ficará encantado de ouvir essa história, Ruth. Você há de honrar-nos com sua visita. Faça, igualmente, questão de receber Caroline e Julie.

— Obrigada, diz Ruth. Irei, com prazer, quando meu pai puder acompanhar-me.

— Muito grata, disse Caroline. Gosto imenso de Fontainebleau, onde tenho uma colega de escola. Agora, conto lá, com duas amigas.

— Obrigada, falou Julie. Combinaremos uma visita de nós três.

E, desde então, Ruth, Você vem trabalhando para o ‘Spiritualisme’? — continuou Ermance.

— Sim, ininterruptamente. Continuei a trabalhar, não só como sonâmbula nas sessões de Magnetismo Curador, dirigida pelo Senhor ROUSTAN, mas ainda, como médium nas sessões de ‘Spiritualisme’. Ultimamente, por interferência do Senhor RIVAIL, as duas sessões se confundiram numa só espécie. A diferença é que numa sou médium ‘falante’, noutra, ‘escrevente’.

— E muita gente a conhecia, há tanto tempo, como médium?

Nossas sessões se realizavam com muita reserva, ora em casa do Senhor ROUSTAN — nesta rua, ali em frente — ora em minha casa, 14 Rue Tiquetonne, onde me ufanarei de receber sua visita e de sua família.

— Obrigada. Iremos. Vocês faziam, então, sessões ‘secretas’? Por quê? Medo do Clero?

— Por prudência. Muita gente supunha que o Sonambulismo era uma arte diabólica. Não gostávamos de passar por feiticeiros. Mas quando, em começo de 1853, a ‘Mesa Rotante’ invadiu a França como grande novidade americana, o nosso Grupo, já conhecido de numerosos Magnetistas, abriu sua porta a qualquer experimentador bem intencionado, servindo eu de médium. Como vê, estou ligada à Causa há cerca de seis anos.

— Desde o princípio do Movimento ‘Spiritualiste’ na França, completou Julie. Você foi uma pioneira!

— E O SENHOR RIVAIL? — indagou Ermance. Foi também um Pioneiro?

— Não, respondeu Caroline. Começou a estudar o ‘Spiritualisme’ há menos de dois anos. Estreou, como curioso, em casa de Madame DE PLAINEMAISON, onde conheceu meu pai e a mim. Passou depois a freqüentar nossas sessões e as de Ruth.

— Em minha casa, diz Ruth, ele apareceu no começo do ano passado.

Veio com o Senhor LECLERC, o ‘Brasileiro’. Discreto e atencioso, pareceu-nos um curioso comum, apesar das informações confidenciais do ‘Brasileiro’. Alguns dias depois, perguntou ao nosso Guia JAVARY se lhe permitia, antes da consultação geral, propor a diferentes Espíritos certas questões de natureza filosófica. A resposta de JAVARY foi afirmativa. A partir da sessão seguinte, o Professor entrou com suas perguntas, que trazia escritas num caderno e eram duma clareza incomparável.

— Tal como fazia em minha casa, aparteou Caroline.

— Logo às primeiras, prosseguiu Ruth, JAVARY declarou-se, pessoalmente inabilitado para respondê-las: Eram demasiado elevadas para ele. O Guia sugeriu então, se fizessem sessões especiais, com pequeno número de assistentes, às quais prometeu trazer Espíritos teólogos e filósofos, individualmente convidados. O Professor ficou satisfeito com a proposta. Mas eu estava sobrecarregada de compromissos. Além dos estudos em meu curso normal e dos serviços caseiros — pois sou a dona de casa desde que mamãe morreu — tinha duas sessões por semana que iam às vezes além da meia noite.

— Ruth não tem vagar para distrações, afirmou Julie.

— Contudo, continuou Ruth, e apesar de meramente corteses naquele tempo, minhas relações com o casal RIVAIL, eu me sentia, quando meditava a sós, estranhamente atraída pela inteligência e o plano do Professor, e tinha grande simpatia por Gabi que, desde nosso primeiro encontro, me chamou de ‘filha’ e me quer maternalmente. Concordei de pronto em prestar-lhes meu pequeno concurso, combinando com eles dia e hora para as sessões especiais.

Que se tornaram depois as mais importantes, aduziu Caroline.

— Foi então, arrematou Ruth, que comecei a conhecer em seus capítulos principais O LIVRO hoje publicado. E a instruir-me sobre a verdadeira finalidade do ‘Spiritualisme’ Compareciam às nossas sessões particulares, prolongadas algumas vezes até madrugada, Espíritos de elevada cultura e santidade, que reviram ponto por ponto o trabalho do Senhor RIVAIL desde a Introdução até a Conclusão.

E mantiveram debates admiráveis, como tive oportunidade de presenciar, informou Caroline.

— E SÓCRATES comparecia? — perguntou Ermance.

Sim, uma ou Outra vez. E, de quando em quando, o maior de todos, evocado como ‘Espírito VERDADE’.